



## **EVOCAÇÃO DO PROFESSOR JOÃO IGNÁCIO FERREIRA LAPA**

**PELO PROF. JOSÉ E. MENDES FERRÃO**

Vem de recuados tempos a necessidade que o homem sente de se remirar nos seus heróis como na procura de uma dimensão mais realizada da sua passagem pela terra, para outros um percurso transitório que lhes preparará o futuro para uma imortalidade que será como cada um souber merecer.

É possível que os primeiros a ser perpetuados tenham sido os deuses de um Olimpo qualquer, situados em plano inatingível para onde caminhava a aspiração do homem, porque comandava o que de essencial se passava na vida e nas sociedades, porque eram senhores do bem e do mal, da guerra e da paz e constituíam finalmente como que o último reduto a que se acolhia o coração humano que aspirava ir mais além que a sua função músculo que comanda a vida física.

Depois talvez se louvassem e até divinizassem os grandes cabos da guerra que marcaram os limites dos territórios e os defenderam dos vizinhos audaciosos ou dos traiçoeiros incursores, cometendo actos de coragem e de heroísmo que se tomaram como padrão ou se transmitiram como lendários.

Só mais tarde o homem terá sentido toda a grandeza do seu ser e a superioridade sobre todas as criaturas ao reconhecer a força do seu espírito e a capacidade criadora que nele se concentra. Passou então a exaltar aqueles que pagaram na frágil obra moldada pelo oleiro edénico e lhe insuflaram no valor do espírito superior, o tornaram útil ao próximo e à Comunidade mais pela cabeça que pensa e pelo coração que ama do que pelo músculo que, desligado da mente, o aproxima do irracional.

Sentida esta necessidade de exaltar os efeitos e os factos daqueles que “da lei da morte se foram libertando”, os homens neles encontravam metas a atingir, ideais a iluminar, como marcos balizadores de uma caminhada sempre constante para o seu aperfeiçoamento.

A Universidade, essa instituição onde o espírito se cultiva e a inteligência se exercita, também sentindo essa obrigação, com regularidade vem recordando os seus servidores que são afinal a essência de si própria. Para isso, retira, de quando em vez, a camada de cinza que se acumula sobre as brasas que se mantém vivas, fazendo renascer como a fénix, aqueles que nos precederam numa continuidade de que nós próprios apenas somos elos, e apresenta-os à geração actual como exemplos a ter em conta na forma como deve ser a nossa presença que, para bem da própria instituição, não pode desmerecer daquilo que os outros fizeram.

E a Universidade nem os honra como sábios, nem os destaca como investigadores, nem os exalta pelo apuro moral ou pela verticalidade de carácter e atitudes. Simplesmente porque um professor, não sendo uma coisa nem outras, tem de reunir, em si, todas em conjunto. Porque só assim é professor no sentido pleno da palavra, sacerdócio indispensável para que a Universidade se mantenha incólume à corrupção das sociedades ou aos namorados dos poderes político, económico ou outros. E no dia em que se deixar cativar por qualquer delas, a Universidade deixará de o ser.

Aproveitando esta feliz circunstância da comemoração do Centenário da Terceira Exposição Agrícola de Lisboa, para a qual foi constituído este Pavilhão, cuja reconstituição à traça primitiva hoje temos a alegria de presenciar, surgiu a feliz ideia de se recordarem alguns dos professores do Instituto Agrícola e do seu continuador legal Instituto de Agronomia e Veterinária que participaram activamente na organização daquela exposição e que deixaram pelo que foram como professores, uma mensagem aos vindouros na obra que produzira.

Vários colegas foram encarregados de recordar alguns nos seus aspectos mais significativos.

Tenho como uma das maiores honras a responsabilidade que me foi cometida pelos meus pares ao vir recordar neste dia e neste lugar o grande professor que foi João Ignácio Ferreira Lapa.

Mal poderia eu supor, quando com os meus 16 anos já estudava a sua “Tecnologia Rural” e me impressionava com a forma simples e corredia com que exprimia os seus pensamentos, que um dia havia de recordá-lo e, mais ainda, ser colocado, de acordo com as tradições universitárias, na linha de sucessão deste grande Mestre que passou pela vida com uma modéstia que nem a exaltação dos seus contemporâneos, nem a consagração nacional feita pelas autoridades so seu tempo conseguiram ultrapassar.

Nesta tribuna deveria hoje encontrar-se o Prof. Almeida Góis se as suas condições de saúde o permitissem. A ele se deve a dinamização de outras homenagens ao pai da tecnologia agrícola portuguesa entre as quais desejava aqui referir uma projectada comemoração condigna dos 150 anos do nascimento de Ferreira Lapa ocorrida em 1973 mas que, devido a circunstâncias não previsíveis, pouco mais além foi do que a criação do “Círculo Ferreira Lapa” dedicado ao estudo das actividades Agro-Industriais, da emissão duma medalha comemorativa que hoje é quase uma raridade e da publicação dum trabalho em que procuraram reunir, seriados ao longo dos tempos de uma vida fecunda, os escritos de sua autoria e por ele assinados, muitos dos quais dispersos por diversas publicações da época.

Falar de Ferreira Lapa é tarefa sempre difícil. Fazê-lo numa sessão tão digna perante auditório tão qualificado e numa autêntica corrida contra um período de tempo limitado, constitui quase uma odisseia ou uma temeridade. Por isso, pouco mais poderei fazer que respigar do muito que haveria a dizer se penetrasse profundamente numa vida que deixou tal marca que ainda hoje é recordado, respeitado e muitos dos seus conceitos considerados actuais, apenas alguns dos

aspectos que, em meu entender e segundo um critério discutível, me parecem mais realçar.

Não sendo seu contemporâneo, porquanto o corpo de Ferreira Lapa voltou ao pó – mas não do esquecimento – há precisamente 92 anos, não participando na sua vida diária, que se afigura tão profunda e intensa, poderia neste dia limitar-me a transcrever o que outros, alguns seus contemporâneos dele disseram, e tanto e tão brilhantemente já foi dito. Optei por tentar fazer uma incursão na sua vida de trabalho árduo, segundo as suas próprias palavras, e salientar certos aspectos de vida de Ferreira Lapa através dos trabalhos escritos que deixou. Neles a competência nos mais variados campos da Ciência é tão evidente que muitos dos seus conceitos, resistindo à erosão dos tempos, tem-se mantido actuais apesar dos prodigiosos avanços nos mais variados domínios da Ciência e da Técnica.

Este homem tão simples, tão trabalhador, tão humilde que se afigura gigantesco enquanto lecciona, enquanto escreve e divulga numa linguagem tão simples que todos entendem, enquanto investiga e experimenta, ou enquanto estuda, critica e adapta o que se conhecia em todo mundo, enquanto traz para a sua escola a experiência dum contacto com o agro português cujas necessidades sentiu como poucos, nunca falava ou pouco falava de si. Esgota-se por este lado a fonte de análise do seu espírito e da sua maneira de ser. Mas as referências ao “Cavalheiro Senhor Lapa” são não só frequentes nas suas publicações da época mas também sempre indicadores da verticalidade e dignidade de um homem de ascendência bem humilde de que tinha no trabalho a sua carta de nobreza e se reconhecia, como produto de seu próprio esforço longe dos favores, do compadrio ou da influência da cor política ou dos pergaminhos de ascendência. Ferreira Lapa, numa das não muito abundantes e conhecidas referências a si próprio escrevia a um amigo que “somos ambos produto de nós mesmo” e desta forma deixa transparecer quanto o acesso ao prestígio que conquistou lhe terá sido custoso.

João Ignácio Ferreira Lapa nasceu a 24 de Novembro de 1823 na aldeia de Ferreira das Aves no coração da Beira Alta. As referências dizem-no de família humilde. Eu adivinho que os seus ascendentes seriam mesmo pobres porque o vemos recolher-se à Casa Pia de Lisboa onde normalmente se não acolhiam os endinheirados. Aí passou os quatro primeiros anos dos seus estudos e não será difícil admitir que desde logo tenha revelado elevados dotes de inteligência quando se conhece ter sido esta instituição que lhe assegurava continuidade dos seus estudos na Escola Preparatória onde vem a completar as preparatórias para ingressar na Escola de Veterinária Militar do Salitre cujo curso veio a terminar em 1845, então com 21 anos de idade.

Distinguido entre os seus colegas, logo no último ano de curso foi encarregado da “leitura” duma disciplina do 1º e ao terminá-lo é imediatamente promovido, mediante concurso, a Lente desta Escola com honras de Capitão e encarregado da cadeira de “Anatomia e Physiologia Comparada”. Ferreira Lapa passara de aluno a docente continuidade que atesta os seus méritos. O jovem Lapa é Lente aos 21 anos.

Com uma idade em que muitos dos seus pares ainda tomam o entretenimento como motivo essencial da sua vida, Ferreira Lapa dedica-se já afincadamente aos problemas da sua escola e aos problemas do país e em 1848, então com pouco

mais de 25 anos, aparece a tomar uma posição pública a favor da criação do ensino agrícola em Portugal enquanto apoiou o importante projecto de lei apresentado ao Parlamento pelo Dr. Assis de Carvalho, o qual visava a criação de uma escola mista de agronomia e veterinária e que foi como que uma das primeiras iniciativas que levou à criação do Instituto Agrícola quatro anos mais tarde.

Com a integração do ensino veterinário no instituto, ocorrido em Dezembro de 1855, Ferreira Lapa aparece em Janeiro de 1856 designado Lente proprietário da Cadeira de “Noções de Physica, Chimica e de Meteorologia Aplicada à Agricultura” onde, num curto período de 4 anos em que a regeu, deixou bem marcada a sua presença pelos escritos que produziu. Em 1860 toma a seu cuidado a cadeira de “Chimica Agrícola Technologia Rural e Meteorologia” onde mais se havia de realizar como professor e através da qual, em especial nos domínios da tecnologia agrícola, em que particularmente se empenhou nos últimos anos, o seu nome e a sua obra mais se celebrizaram.

Em 1877 é nomeado director do Instituto, funções que desempenhou durante cerca de 15 anos, mantendo-se em funções mesmo depois de ter atingido 40 anos de serviço em 1886 e morre em Lisboa em 4 de Agosto de 1892 sem ter completado os setenta anos.

Eis um esquema de vida dum homem que nasceu humilde, viveu com discrição e morreu quase ignoradamente.

Mas como é rico o conteúdo do período balizado por estas datas, como foi fecunda e séria a vida do “Cavalheiro Senhor Lapa”. Das suas lições aos seus escritos, das críticas até à investigação no seu mais modesto laboratório, Ferreira Lapa foi sempre um trabalhador incansável, insatisfeito perante uma obra que para ele não tinha fim. E talvez por isso se tenha gastado tão depressa e a terra o tenha recebido numa idade em que muito havia ainda a esperar dele.

O que sabia era da comunidade. Sentia-se na obrigação de tudo dar a conhecer. E ao fazê-lo utilizava uma linguagem simples, clara, precisa, quer os auditores fossem os seus alunos, quer os interessados fossem a grande plateia dos lavradores portugueses que o ouviam e liam com interesse e agrado nas diferentes conferências e nas revistas e outras publicações em que os seus escritos se encontram dispersos.

Acompanhando a actividade de Ferreira Lapa, vemos retratadas as suas excepcionais qualidades de professor por Cincinnato da Costa que veio a tomar a seu cargo o facho da tecnologia rural que o primeiro tão dignamente cultivou e que de perto o conheceu. Dele disse: “Lapa foi sobretudo um professor na acepção rigorosa da palavra”.

“Investigava com acurada analyse no laboratório, estudava com cuidadosa observação e repetidas experiências o problema do que tinha de ocupar-se, e só, depois de muito meditar e ponderada reflexão, é que expunha aos seus discípulos, os resultados das suas lucubrações. As suas lições atingiram a perfeição absoluta”.

Trabalhador sem quebras, procurando dignificar a sua missão de Lente mas sem esquecer que a agricultura é feita pelos agricultores que necessitam de ter uma

formação profissional adequada, logo em 1854 dá à estampa o “Compendio Popular de Physica e Chimica Applicada à Industria” destinada ao uso nas escolas primárias do segundo grau, trabalho este que foi premiado pelo Governo. No ano seguinte publica com a mesma preocupação e com prémio igual um “Compendio Popular de Mechanica e suas Principais Aplicações”. Mantém actividade idêntica em 1856 com a publicação de um “Compendio Popular de Zoologia” ou “Pequena Encyclopédia Agrícola” para as Escolas Primárias e as Quintas de Ensino.

Em 1857 é enviado pelo Governo ao estrangeiro na companhia de José Maria Teixeira com a missão de estudar a organização do ensino e dos serviços veterinários de Espanha, França, Bélgica e Inglaterra. O relatório desta missão encontra-se publicado e foi com base nas suas conclusões que se veio a moldar a maior parte da estrutura da Secção de Veterinária do Instituto Agrícola.

Em 1858 é encarregado de nova missão. Vai ao distrito de Portalegre examinar e pronunciar-se sobre o interesse que poderá ter uma herdade para a instalação duma coudelaria nacional. Esse ano é particularmente marcante na vida de Ferreira Lapa. Com efeito, ele inicia nesse ano uma actividade notável na divulgação da Ciência. E como, na aplicação do velho provérbio oriental, quando as oportunidades não existem, os competentes e os activos as criam, fundou, juntamente com Sylvestre Bernardo Lima e José Maria Teixeira, a célebre revista “Archivo Rural” profusamente preenchida por intervenções de Ferreira Lapa. É nessa revista que aparece nesse ano publicado o parecer dos Lentes da Secção de Veterinária do Instituto Agrícola – e Ferreira Lapa era um deles – acerca do fornecimento das carnes verdes para o consumo da capital, pedido pela Exm<sup>a</sup> Câmara Municipal de Lisboa, naqueles tempos, talvez mais realistas, em que a comunidade pensava que os professores universitários serviam para mais alguma coisa que para dar aulas, o relato de uma viagem ao Alto Alentejo, e artigos de âmbito variado como variada era a sua competência, entre os quais se podem referir processos de conservação das madeiras, doenças dos animais, o orvalho e a sua importância na Meteorologia, na Química e na Agricultura. Foi nesse mesmo ano que Ferreira Lapa iniciou um conjunto de trinta artigos, que subordinou ao título genérico “Um milhão de questões sobre a agricultura ou os factos e problemas mais usuais da vida agrícola explicados pelas Ciências” onde tirou partido do diálogo e divulgou conhecimentos diversos dos problemas agrícolas portugueses que ultrapassavam em muito o âmbito circunscrito das suas responsabilidades como Lente. Ferreira Lapa revelou-se um profundo conhecedor da agricultura nos seus aspectos nacionais e regionais e da própria psicologia do agricultor para se tornar necessário encontrar uma certa forma de dizer as coisas.

Em 1859 continua com a sua actividade de divulgação publicando artigos de matérias tão diversas como a alquímica na agricultura, os estrumes artificiais a meteorologia, o esgotamento ou enxugo das terras. É neste ano que se adivinha em Ferreira Lapa, em função dos escritos, uma certa inclinação pelas matérias da tecnologia rural. Os trabalhos sobre o reconhecimento das falsificações de azeites, vinhos e farinhas interpreto-os como marcos conhecidos mais evidentes duma viragem para a tecnologia agrícola.

Já em 1860 afanosamente trabalha no seu laboratório para satisfazer uma ordem da Repartição de Agricultura do Ministério das Obras Públicas no sentido de serem

elaborados estudos “chimico, agrícola e comercial sobre os vinhos genuínos do Reino e dos vinhos comerciais do Douro e Lisboa”. Desses estudos foram apresentadas tabelas com resultados cujos conteúdos continuam a manifestar o pendor mais acentuadamente virado à tecnologia agrícola que Ferreira Lapa havia iniciado pouco tempo antes.

Nesse mesmo ano de 1860, Ferreira Lapa é designado pelo Governo para visitar e apreciar o interesse da Exposição Agrícola do Porto. Publicado o Relatório respectivo deve ter demonstrado a forma brilhante como se desempenhou dessa missão porquanto o vemos encarregado de tarefa idêntica em 1865.

Em 1861 é designado membro da Comissão Directora da Exposição de Produtos Nacionais em Lisboa e simultaneamente dos trabalhos preparatórios para a Grande Exposição Universal de Londres que veio a ocorrer no ano 1862.

Esta exposição foi cuidadosamente preparada por Ferreira Lapa e com o objectivo fundamental de dignificar a representação portuguesa prepara em colaboração com João Andrade Corvo um estudo de fundo sobre as características dos trigos portugueses nos seus aspectos agronómico, Comercial, industrial e químico para ser presente à citada Exposição. A categoria do trabalho foi tal monta que mereceu a distinção da medalha de ouro atribuída ao estudo mais notável que aparecesse neste certame.

Entretanto a Academia Real das Ciências de Lisboa abriu um concurso para a apresentação de trabalhos subordinados ao tema “influência que podiam ter os glútenos na panificação”. Ferreira Lapa candidata-se com os trabalhos “sobre o estudo industrial e chimico dos trigos portugueses reduzidos a vinte e nove tipos vulgares” que lhe valeu ter sido eleito sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa nesse ano de 1861. Esta instituição veio publicar este estudo, como edição sua, em 1865.

A tendência de Ferreira Lapa para os assuntos da tecnologia rural continua a acentuar-se muito embora, talvez por compromissos assumidos com o “Arquivo Rural”, continue a publicar artigos de divulgação sobre os mais variados temas de agricultura portuguesa, e tão curiosamente pioneiros como “a lua e alguns dos seus efeitos sobre a vegetação”, “os problemas da falta de estrumes resultantes da exportação de gado vacum para a Inglaterra”. É de sua autoria “a balança económica de um hectare de terra em cultura de beterraba” publicado no Arquivo Rural em 1860. Eis um tema que nos deve provocar como que um safanão que nos acorde de uma letargia de tantos anos. Ainda nos dias de hoje titubeamos, ou hesitamos, ou consideramos novidade a problemática da cultura da beterraba sacarina em Portugal, aliás autorizada em Fevereiro de 1974 e ainda sujeita dos pendoros da sorte ao verificarmos quando estes problemas já foram pensados há mais de 100 anos por Ferreira Lapa e outros técnicos do seu tempo, embora, naturalmente, com os meios e condicionalismos da época.

E para que soem como marteladas nas suas cabeças ou como silvos nos nossos ouvidos, recordo aqui que Ferreira Lapa, por exemplo, no discurso inaugural recitado na sessão solene de abertura das aulas do Instituto Geral de Agricultura no ano lectivo de 1881-82 já se referiu aos ensaios em curso com a soja hispida, com a

beterraba, com o sorgo sacarino, assuntos que nos dias de hoje algumas vezes tomamos como novidade. Quantas vezes somos pouco cuidadosos em consultar os escritos da geração dos agrónomos de há um século, porque aí encontraríamos indicados caminhos válidos para o desenvolvimento da agricultura do país dessa altura muitos dos quais não foram percorridos, por e para desgraça nossa. E tão válidos eles foram que ainda hoje certos se retomam e alguns e algumas vezes se apresentam como novidades.

A competência de Ferreira Lapa continuamente é reconhecida. Encontramo-lo em 1861 a fazer parte duma comissão encarregada de inspecionar a Granja do Marquês, Tapada das Mercês e Quinta de S. Bento, que constituíam a Quinta Regional de Sintra, para saber das possibilidades de se manter aí a Escola Regional de Agricultura, nessa altura posta em causa.

Nesse ano e no seguinte Ferreira Lapa debruça-se sobre os problemas dos vinhos, como das suas doenças e defeitos e aguardentação.

Como coroamento dos estudos acumulados, o grande mestre dá à estampa o primeiro volume de “Tecnologia Rural ou artes químicas, agrícolas e florestais” dedicado a bebidas fermentadas, vinhos, cervejas, vinagres, álcoois que veio a ser publicado pela Academia Real das sciencias de Lisboa em 1865. Estudo notável que ainda hoje, passados que são 120 anos sobre a sua publicação, é trabalho de leitura obrigatória para quem se dedica a área tão importante da tecnologia agrícola. Certamente satisfeito com a sua obra, publica, através da mesma instituição em 1968, isto é, três anos depois, o segundo volume da mesma obra, agora dedicado às farinhas, pão e féculas.

O governo necessita de conhecer a forma como se processava a vinificação nas diversas regiões do País. Para o conseguir, nomeia uma Comissão constituída por Ferreira Lapa, Visconde de Rio Maior e António Augusto de Aguiar que percorreram os principais centros vinhateiros do continente do Reino e publicou, através da Imprensa Nacional, um relatório não só do que viu mas daquilo que no seu entender era necessário corrigir ou melhorar.

E tudo isto impediu que Ferreira Lapa continuasse a publicar artigos especialmente de tecnologia agrícola.

Em 1870 são organizadas pelo Governo as célebres Missões Agrícolas. Por efeito delas os professores do Instituto deslocaram-se às mais variadas zonas do País, proferindo conferências, ensinando e divulgando com a autoridade que tinham conseguido que lhes fosse reconhecida, levando os seus conhecimentos para fora da sua Escola e enfrentando auditórios que não eram os dos seus alunos habituais.

Coube a Ferreira Lapa deslocar-se à província do Minho, onde aliás já estivera anteriormente duas vezes em missões de estudo, e fê-lo como “Comissário do Governo”. Aí foram proferidas quatro conferências agrícolas que impressionaram profundamente a assistência para a qual a sala foi pequena.

Essas conferências, felizmente para nós, vieram a ser reunidas num volume que se publicou em 1871.

Mas Ferreira Lapa continuava a trabalhar na sua obra fundamental, a menina dos seus olhos, a sua Tecnologia Rural. E só assim se compreende que em 1871 apareça o seu terceiro volume onde se reúnem matérias referentes aos produtos sacarinos, florestais, têxteis e animais.

Talvez pelos conhecimentos decorrentes da tecnologia agrícola, Ferreira Lapa escreve em 1873 sobre alimentação do povo português. Mas sempre tendo em mente a sua tecnologia rural, vai melhorando, vai acrescentando e, esgotado o primeiro volume, publica em 1873 a segunda edição da sua obra célebre. Mesmo assim, arranja tempo para publicar em 1875 um “Curso de Chimica Agrícola ou Estudo Analytico dos Terrenos das Plantas e dos Estrumes” dando assim passos importantes no caminho em outro grande professor que foi Rebello da Silva, se haveria de vir a notabilizar. Em 1878 Ferreira Lapa é nomeado pelo Governo para recolher ensinamentos na Exposição Universal de Paris. O relatório que no ano seguinte publicou sobre esta missão, foi merecedor dos mais rasgados elogios dos seus contemporâneos.

Ferreira Lapa era verdadeiramente um Professor de diversificadas matérias e só assim se compreende que em 1880 seja encarregado com Barros Gomes e Batalha Reis de estudar a influência da resinagem do pinhal de Leiria na qualidade da madeira e em 1882 venha a ser nomeado presidente da Comissão Central Anti-Pyloxérica do Sul num período em que o terrível hemíptero fazia das vinhas do Douro desoladores mortórios e semeava a tristeza e a miséria entre as populações vizinhas do famoso rio.

E chega-se ao ano de 1884, data celebrada Terceira Exposição Agrícola realizada neste Pavilhão e suas imediações. Ferreira Lapa pelo seu saber, pelo seu prestígio, foi figura cuja presença era obrigatória no Conselho Superior da Exposição Agrícola de Lisboa.

Mas ao percorrermos os relatos da exposição e do abundante noticiário que lhe dedicaram os cronistas da época, são raras as referências ao “Senhor Lapa” porque, mantendo o seu feitio reservado e a sua presença discreta, deverá ter contribuído para o sucesso da exposição mais a meditação de gabinete ou o aturado esforço de laboratório do que com o discurso laudatório que as circunstâncias exigiam e para o qual era necessário encontrar outras pessoas mais apropriadas que ele.

Ferreira Lapa orientou então o estudo analítico das 1 700 amostras de vinhos que foram presentes à exposição, preferindo certamente encostar-se à mesa de laboratório que ao carro do poder. Trabalho enorme que o número de amostras já faz supor, que as técnicas e os meios da época torna gigantesco e o curto espaço de tempo em que se concentrou torna o esforço hercúleo, quase impossível. Mas o impossível também se faz quando se encontram homens desta têmpera.

A partir de 1884 a produção escrita de Ferreira Lapa começa a reduzir-se. Ter-se-ia o grande vulto da ciência agronómica cansado ou saturado? Procurando penetrar no que foram os últimos anos de vida do ilustre Professor a partir do que entretanto ele escreveu ou as referências que lhe foram feitas nas revistas da época, arriscamos a supor que Ferreira Lapa levou muito a sério as suas funções de director que assumiu em 1877.



É certo que ainda conseguiu harmonizar uma produção escrita com as duras funções a que fora chamado, mas, a partir de certa altura, parece concentrar todas as suas forças na gestão de uma escola que qualquer que ela seja apresentada sempre problemas complexos e a exigir reflexão demorada. E a escola que o Professor Ferreira Lapa dirigiu não fugiu à regra. Os seus discursos inaugurais proferidos com regularidade pendular entre 1876 e 1891 são um repositório da vida do Instituto Geral de Agricultura e do Instituto de Agronomia e Veterinária. Aí ficaram relatados, para os actuais e para os futuros, os serviços que a Instituição prestou ao país e se chama a atenção para as carências sentidas não para satisfazer ambições de comodidade ou honras mas com a preocupação de melhor servir.

É curioso verificar a sobriedade da linguagem, a preocupação metódica de traduzir a vida da escola sem uma palavra de crítica aos seus colegas nem um lamento por qualquer incorrecção havida para com ele, muito embora as publicações da época nos relatem algumas.

Nestas ocasiões preferia recolher-se a casa, mantendo-se com o silêncio da sua consciência tranquila.

A vida de Ferreira Lapa deve ter sido muito mais difícil que poderá supor-se, muito embora a respeitabilidade que mereceu e as honras com que foi distinguido.

Não deixa de ser impressionante, esclarecedor, para mais num homem tão reservado, o lamento que faz para um seu colega quando escreve:

“Os que julgam as nossas obras só por elas, se não nos têm seguido a par e passo; se não assistiram à nossa espinhosa odisseia de trabalho; se não mediram, ou avaliaram as agruras, os obstáculos, as dificuldades, a luta fadigosa, ferrenha incansável empresa de todas as horas, as noites perdidas, os desânimos, as privações, os desconfortos, seguidos, ou salteados de esperança e de alvoroços pela perspectiva d’um triumpho, mal nos podem apreciar, porque não conhecem o preço doloroso e caríssimo por que nos ficou a obra concluída”.

Mas os homens e as autoridades não podiam ficar insensíveis aos méritos facilmente comprovados de Ferreira Lapa.

A sua entrada em 1861 como sócio efectivo da Academia Relas das Ciências de Lisboa foi já uma consagração.

No país é chamado em 1881 à dignidade de Par do Reino e foi condecorado com as comendas das Ordens de Santiago, da Conceição e como cavaleiro da Ordem de Cristo. De França recebeu as distinções de Oficial da Legião da Honra e de Oficial da Instrução Pública.

Em 1866 foi nomeado sócio honorário da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa e considerado o patriarca da agronomia portuguesa, apesar de não ser agrónomo.

Depois de morto, porque foi grande, as honras continuaram.

No ano da sua morte foi dado o seu nome à escola de Viticultura de Torres Vedras. A Câmara Municipal de Lisboa veio atribuir a Ferreira Lapa, a Bernardo Lima e a

Andrade Corvo, nomes de ruas nas imediações da escola a que tanto se deu e deram.

O Instituto Superior de Agronomia, ao instalar-se na Tapada da Ajuda, inaugurou no dia 18 de Novembro de 1917 “por sua ordem e as suas expensas”, um monumento a Ferreira Lapa. Ele lá está à porta da nossa casa a incutir-nos o seu exemplo para que sirvamos, pelo menos tão bem como ele fez, o ensino, a investigação e a extensão em que foi tão activo cultivador.

Em 1926 a Tecnologia Agrícola do Instituto, como para se sentir mais perto ou identificada com o grande mestre, passou a integrar-se num Laboratório de Microbiologia e Tecnologia Agrícola a que foi dado o nome de Ferreira Lapa e a Sociedade de Ciências Agrárias, que lhe prestou uma grande homenagem em 1905 com uma sessão solene acompanhada do descerramento de um seu retrato da autoria de Columbano, veio criar em 1973 uma secção especializada de indústrias agrícolas a que deu o nome de “Círculo Ferreira Lapa”.

Recordar Ferreira Lapa, ainda nos dias de hoje causa emoção, mas é um dever. Sinto uma grande insatisfação porque o tempo não permite dizer deste homem tudo o que ele fez de bom e de bem, ficam em omissão as lutas interiores e exteriores que terá sentido para se impor numa época em que nascer de “boas famílias”, o que não era o seu caso, aplanava os montes e enchia os vales.

Ferreira Lapa, ao dizer que foi um homem que se fez a si próprio, quererá certamente recordar com toda a sua delicadeza, que o seu sucesso na vida, mesmo à custa de muito trabalho, não terá sido fácil nem o convívio com a sociedade da época, a abertura dos salões da cavaqueira ou o relacionamento da fidalguia não terá sido franco porque a competência e os méritos nem sempre teriam tanta força como os sonantes nomes da família ou a afirmação de posse de sangue azul.

Ferreira Lapa leccionou no Instituto Agrícola, mas também na Academia Real das Ciências de Lisboa, nas Conferências que fez para auditórios mui diversos.

Ferreira Lapa publicou compêndios de estudo verdadeiramente notáveis e trabalhos científicos muito avançados para a época.

Ferreira Lapa divulgou matéria agrária em diversas publicações.

Do “Archivo Rural”, que ajudou a fundar, publicaram-se 16 volumes e mais quatro do “Jornal Official da Agricultura Artes e Ciências Correlativas” que lhe sucedeu. Com o Dr. João Felix Pereira fundou o “Almanach do Lavrador”. Colaborou activamente na “Gazeta dos Lavradores”. Colaborou activamente na “Gazeta dos Lavradores” órgão da Real Associação Central d’Agricultura Portuguesa, manteve uma colaboração regular no “Jornal do Comércio”, no “Comércio Português” e no “Comércio do Porto” onde escreveu, durante anos, uma Revista Agrícola.

Ferreira Lapa deu à estampa cerca meia centena de publicações, incluindo os seus “discursos” inaugurais proferidos nas Sessões Solenes de Abertura das aulas do Instituto, publicou cerca de 120 artigos em revistas, e aproximadamente uma centena de escritos em jornais, manteve correspondência com Alexandre Herculano que, também apaixonado pela agricultura no seu recanto de Vale de Lobos, foi um colaborador regular do “Archivo Rural”.

Ferreira Lapa percorreu o País em missões, a estudar e a ensinar, foi encarregado pelo Governo de tarefas importantes e elaborou relatórios que já os seus contemporâneos consideraram notáveis.

Por tudo isto, nesta instituição que é universitária, Ferreira Lapa merece ser distinguido e indicado como modelo.

Mas a mim impressionou-me muito, para além do que todo o seu trabalho representa, a luta que terá travado consigo próprio e com o ambiente em que viveu para, sem um queixume de amarguras em que a vida para todos é sempre mais ou menos farta, percorrer um caminho tão difícil que vai desde o nascer pobre e ignorado numa qualquer aldeia das terras de Viriato até se transformar no gigante que tem direito a consagração nacional.

E terá sido este seu comportamento de homem silencioso que não perde em conversas demolidoras o tempo que tão necessário lhe foi para o trabalho, que lhe terá merecido grande parte das honras que lhe temos vindo a prestar neste mundo em que a glória dos feitos se esbate mas a grandeza moral se agiganta e se a primeira dá direito a placas, a estátuas, a condecorações, a segunda permanece no coração dos homens porque mais de perto toca a sensibilidade das suas almas.

Este acto meritório em que nos empenhamos, chamando a primeiro plano o Centenário do Pavilhão e, por causa dele, alguns dos professores que foram do Instituto Geral de Agricultura e do Instituto de Agronomia e Veterinária, não pode nem transformar-se nem entender-se como uma sentimental recordação de uma época que já passou, nem um pensamento irrealista de regresso a um passado.

Cada época tem os seus actores. Os seus méritos e realizações têm de ser medidos em função da época em que vivem enquanto sabem entender o presente sem se agarrarem a um passado, embora dele recolhendo ensinamentos, e compreender o futuro sem necessariamente dar saltos para o acaso.

Há 100 anos o Instituto tinha os seus professores, o seu enquadramento, a sua estrutura, os seus méritos, os seus defeitos e qualidades e os seus objectivos.

A nossa escola, que se deseja merecedora das grandes tradições do ensino agrícola em Portugal, apresenta hoje outro figurino, é servida por outros actores e o meio em que vive, se integra e serve, é sensivelmente diferente.

É por isso que nem podemos apreciar a obra de Ferreira Lapa como os olhos dos homens que se aproximam do século XXI nem, num falso conceito da Universidade, partir da ideia que qualquer modificação que se introduza na nossa escola, na sua estrutura, nos seus programas, nos seus métodos de ensinar e aprender, seja um atentado à memória daqueles que a fizeram e que, precedendo-nos, de mais perto a continuaram.

A geração de professores de há 120 anos teve a coragem de ser reformadora. Por isso ela abriu caminhos novos para o ensino agrícola em Portugal e se impôs por aquilo que se realizou.

Os tempos de hoje exigirão de nós próprios um esforço idêntico de reforma e talvez vivido até com maior intensidade porque a perenidade das instituições depende

essencialmente da sua força interior de permanente actualização sabendo entender os sinais dos tempos e antecedendo-se, quando possível, aos factos consumados para que o país tenha no momento exacto os homens que precisa.

Se os ilustres mestres que recordamos fossem os professores dos dias de hoje, estou convencido que não hesitariam em pegar numa escola que em certos aspectos como perante a evolução das coisas se deixou parar – e parar é morrer – e dar-lhe a forma, a estrutura e o conteúdo que os tempos de hoje exigem para preparar os quadros de amanhã.

Se os nossos juízes daqui a 100 anos ao analisarem com objectividade o que fizeram os professores dos dias de hoje por esta escola velhinha de 132 anos mas ainda corajosa, pioneira, digna e dignificada bem desejo que nos não vomitem, porque não fomos quentes nem frios, mas apenas mornos.

Os homens que há 100 anos, que tiveram a coragem de abrir caminhos novos e combater sociedades acomodadas, não nos perdoariam se nós próprios não fizéssemos pela nossa casa aquilo que eles não deixariam de fazer se fossem vivos.

Que se não aplique a nós a inscrição que os guerreiros da Restauração desejariam que ficasse gravada nos seus túmulos. Que não seja necessário que os homens do Instituto Agrícola se levantem das suas sepulturas para vir fazer pela nossa Escola aquilo que nós, entretidos com pequenos factos, ou espartilhados por mil condicionalismos, ainda não fomos capazes de fazer.

Tremendo anátema que pende sobre nossas cabeças. Seremos enterrados na poeira do esquecimento, que terá a mais inglória sorte daqueles que são verdadeiramente universitários, se não formos capazes de rapidamente sacudir o pó que nos entorpece ou de quebrar a teia de dificuldades em que andamos metidos ou das pequenas querelas com que nos vamos entretendo para caminhar, rapidamente e bem, para a Universidade que o País necessita.

Portugal tem uma história rica de altos e baixos, de glórias e de dificuldades. Sempre com maior ou menor facilidade e habilidade temos conseguido vencer as contrariedades que nos têm aparecido pelo caminho.

A crise que hoje atravessamos não é mais do que uma das muitas em que temos estado mergulhados. Mas as crises são sempre de homens à altura, ou da falta deles. Quando em 1905 o Conde de Britiandos prestava homenagem a Ferreira Lapa afirmava que “o nosso país ressurgindo do negrume que o envolve e abafa, há-de retomar o seu lugar na avança d’onde nunca deveria ter saído”. A Universidade pela própria essência que a informa e pela responsabilidade que deseja assumir na resolução dos grandes problemas nacionais, tem de ser o último bastião em que guarda a esperança num futuro melhor.

Ferreira Lapa teve a coragem de dizer em 1887; “É preciso acordar, porque podem muitos não ter que comer se este sono se prolongar”. Pão do corpo e pão do espirito, dizemos nós, porque um e outro são necessários ao ser humano com alma e corpo.

E a nossa escola que, como Universidade, deve entender o presente e ajudar a preparar o futuro, não pode pensar que as dificuldades que se atravessam são problemas que apenas interessam ou são da responsabilidade dos outros.